

ESTUDO DE CASO SOBRE A COLUNA SOCIAL POVERA SOCIETY

Studying the gossip column Povera Society

Resumo: Este artigo é um estudo sobre a Povera Society, coluna social virtual da cidade de Juiz de Fora-MG, vinculada ao Instagram. Aqui, pretende-se analisar o colunismo social como veículo legitimador, a fofoca como aproximadora de laços afetivos e como a interação do público virtual estabelece perspectivas públicas sobre a sociabilidade.

Palavras-chave: Colunismo social; fofoca; subcultura.


Abstract: This article is a study about Povera Society, a virtual gossip column in Juiz de Fora-MG, linked to Instagram. Here, we intend to analyze social columnism as a legitimizing vehicle, gossip as an approximation of affective bonds and how the interaction of the virtual public establishes public perspectives on sociability.

Keywords: Social columnism; gossip; subculture.

Introdução

Nomes não fazem sentido sem um contexto. De que adiantaria falar da última exposição de uma artista plástica que ninguém conhece, em um lugar que ninguém conhece? Caberiam mais algumas linhas de caracteres para termos a impressão de conhecê-la e até mesmo ter ido em sua exposição. É por isso que começamos com os fatos em foco: mas o que é a Povera Society? Trata-se de uma coluna social virtual de Juiz de Fora hospedada na rede social Instagram. Suas atividades tiveram início no ano de 2017 e foram interrompidas em 2020 com a chegada da pandemia do Covid-19. O principal colunista é o artista-pesquisador que aqui vos fala. Por vezes adotava a persona de “José Henrique” ou “Maria Cecília” para escrever determinados comentários. Assim, trataremos o colunista-investigador desta pesquisa sob o pseudônimo de José Henrique, e a partir de suas experiências e registros, desenvolvo este trabalho que é parte de uma Pesquisa Artística. O objetivo é analisar a relevância do colunismo social e da fofoca tanto como veículos de performatividade quanto como meios de sociabilidade e crítica das práticas de se fazer e consumir uma coluna social.

Ao longo de passeios noturnos pelas ruas ou por eventos, José Henrique fotografava com uma câmera digital Sony Cybershot, lançada no ano 2000. A coluna



começou como toda coluna naturalmente nasce: do habitual *métier* do colunista. Começando com fotos da paisagem e de amigos, em um círculo intimista e subjetivo, aos poucos as postagens da coluna tomaram dimensões expositivas. Foram registrados eventos públicos, festas em casas noturnas, celebrações particulares e a tradicional rua, encontro ocasional para todos os tipos de corpos presentes no ecossistema social.

O nome *Povera Society* (“sociedade pobre”) origina-se de uma autoironia, uma brincadeira jocosa com o universo de frivolidades e efemeridades retratadas com extrema importância na coluna, ao mesmo tempo em que mistura duas palavras estrangeiras, trazendo uma afetação a mais para a pronúncia. O “*society*”, frequente no linguajar colunista como “*high society*” é trazido aqui como referência dos anos dourados desse gênero jornalístico. A vida social é sempre digna de nota, as pessoas não descem de suas casas atoa, desejam se divertir, ver e serem vistas por outras pessoas, sentir que estão vivendo suas vidas. O clique é tirado pela rua: o colunista aponta a câmera e vai registrando tudo e todos ao redor. Além das personalidades, são capturadas a vista urbana, os bares, copos, a rua, detalhes da noite. Acompanhando todas as fotos, sempre são postados comentários sobre a pessoa fotografada, a ocasião que precedeu ou sucedeu o clique e/ou outros acontecimentos.

Entre os referenciais utilizados para esta pesquisa, destacam-se as obras: “A produção discursiva da moral no gênero fofoca: elementos para uma descrição micro e macrosocial da conversação cotidiana”, de Hans Peter Wieser (2009); e “Os estabelecidos e os outsiders”, de Norbert Elias e John L. Scotson (2000). Ainda, utiliza depoimentos de colunistas como Ricardo Amaral, Érika Palomino e Jane Soares. A partir desse referencial teórico, a metodologia da pesquisa se concentrará em analisar fotografias, legendas e comentários do próprio Instagram da *Povera Society*, o que se faz como um exercício que pretende desmembrar os diferentes suportes em que a fofoca, tida aqui como exposição da vida de outrem, é exercida - compreendendo assim diferentes esferas de colunismo social.

Por que o colunismo?

É preciso compreender a fofoca como um campo amplo da “imprensa rosa”, recortes da vida privada em meios de circulação midiática, sendo a fofoca o meio e o

produto da informação. O colunismo é também sobre ver e ser visto, mas acima de tudo se sentir participante da vida alheia. Funciona como um espelho para as diferenças e semelhanças, expressa a sociedade e sublima sua culpa sentida pelo gosto pela frivolidade. Para Amaral (2010, p. 18), o sucesso do colunismo está em “proporcionar aos menos favorecidos a chance de visitar, conhecer e estabelecer intimidade com pessoas e ambientes antes inatingíveis”. É um meio de consagrar a aspiração das pessoas em ascender socialmente.

Através dele podemos olhar a sociedade por diversos prismas, a produção de objetos, de modos, de subjetividades. “É esta função de equipamento coletivo que praticamente teleguia, codifica as condutas, os comportamentos, as atitudes, os sistemas de valor.” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 128). Escritos despreziosos de qualquer função social explicitam o caráter de nossa sociedade, trazem assíduo comprometimento com o presente, são produtores e produtos de seu tempo. “Afinal de contas a nossa profissão é a de registrar o que se passa em sociedade, o que se vê e o que se ouve falar” (SOARES, 1986, p. 25). A coluna social é um espaço tradicional da elite, veiculado em jornais, revistas ou blogs. Termos como “*socialite*”, “*bon-vivant*” e “*elegante*” fazem parte do recorrente vocabulário desse gênero textual. O *status* econômico e a postura normativa sempre se perpetuaram, cunhando também expressões como “gente de bem” e “sorry, periferia”.

A ideia da coluna Povera foi se apropriar desse meio discursivo e fazer das próprias letras e *flashes*, o circuito desejado. Como elevar aquelas figuras? Como atribuir valores e significados? Como perceber as interações sociais? A festa pode ser ativismo? Como levar a margem ao centro? Como mediar acessos? Essas foram algumas das indagações que guiaram José Henrique em sua práxis investigativa. A ocupação profissional, sempre destacada nas colunas tradicionais, aqui também não passa despercebida. Boa parte dos colunáveis são jovens ainda em formação, em seus primeiros empregos ou no ensino superior, de maneira que as posições sociais ocupadas por eles são alçadas a postos de uma concretude já estabelecida. Estudantes de Direito são chamados de “advogados”, estudantes de Arquitetura chamadas de “arquitetas”. Artistas são muitas e quase todas: sendo o colunista/pesquisador um estudante de Cinema e Moda, seu círculo será acadêmico ou artístico, incluindo pessoas que não cursam o ensino

superior, mas de alguma maneira se expressam nos “rolês” através dos *looks* e da performance corporal.

Como a presença de personalidades não heterossexuais, há um vocabulário característico da comunidade LGBTQI+ brasileira, o Pajubá, socioleto originário na linguagem urbana da população travesti. Boa parte dessas palavras tem origem em idiomas de matrizes africanas como o nagô e o iorubá, sendo inicialmente falada nos terreiros de candomblé. No vídeo viral de 2012 “GLOSSÁRIOS”, transvestigêneres do estado do Ceará interpretam verbal e corporalmente vocábulos do Pajubá. Algumas das palavras apresentadas no vídeo - e que também aparecem pela coluna - são: “babado” (fofoca), “close” (posar, fazer carão), “aquê” (dinheiro), “tombar” (rebaixar, gongar), e “deitar” (desistir, arregar). A “montação”, outra palavra característica do vocábulo, será um fator relevante para a escolha das figuras registradas, priorizando pessoas que de alguma maneira se destacaram ou se esforçaram na apresentação do visual, agregando cada vez mais importância social ao evento e à coluna. “‘Se montar’ é a gíria que sai do universo das travestis de rua. O termo se generaliza para a vestimenta *clubber* em si, quando montagem passa a significar também um modo mais extravagante, *fashion* ou caprichado de vestir” (PALOMINO, 1999, p. 220).

Devido ao ambiente virtual ser em grande parte interseccionado por universitários, a presença de pessoas brancas pelos posts é uma constante, embora haja um contingente significativo de pessoas afro-indígenas, mesclando novamente diferentes esferas de corporeidade. Qualquer pessoa que esbanjasse bons *looks* e carisma poderia ser chamada de *socialite* pela coluna. Havia também as “queridinhas”, figuras que, evento após evento, estavam sempre aparecendo. Percebemos que valores como “bom”, “elegante” são meramente subjetivos, podendo compreender muitas noções qualitativas. Quando qualificamos algo, estamos criando de certa maneira o oposto daquilo, desqualificando um hipotético antagonismo. “Estruturalmente, porém, a fofoca depreciativa é inseparável da elogiosa, que costuma restringir-se ao próprio indivíduo ou aos grupos com que ele se identifica” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 121).

Durante uma festa em 2018, um entusiasta da coluna disse para José Henrique que a Povera Society era uma “sensação” e que todos ficavam ansiosos para saber quais seriam as perspectivas apresentadas por ele nos dias seguintes. Dessa maneira, criou-se

um espaço autônomo de legitimação artística. “O papel do colunista é de destacar as pessoas, tornando-as pessoas públicas; e, a partir do processo de publicização, as pessoas tornam-se mais conhecidas e investem mais em suas imagens públicas” (SILVA, 2015, p. 57). O tom irônico sobre os modos comportamentais burgueses se reflete em retratos de pessoas consideradas comuns, agregando valor sobre esses nomes, colocando-as em um espaço, até então, ocupado por uma minoria privilegiada. No deboche com o estabelecimento do *status quo*, “a indiscrição inerente à fofoca combina o charme de uma frivolidade alegre com a diversão de lutar sem precisar enfrentar um inimigo” (WIESER, 2009, p. 366).

Perpassando pela questão do literário e do real, a coluna instiga a curiosidade e brinca com uma espécie de distúrbio gerado pela tensão entre conteúdo e forma. É composta majoritariamente por confissões do colunista ou de terceiros, e deixa o leitor com vontade de estar ali presente, para conferir os fatos em “primeiríssima” mão. Nesses fragmentos de discursos dispostos tomamos a consciência da pessoa não somente pela foto, mas pelo discurso que é gerado sobre ela. A visualidade do “rolê” através da postagem é o encontro gerado pelas diversas camadas poéticas aplicadas nesse discurso traz: detalhes, fantasia, contextualiza a situação para o leitor, e o insere como coparticipante da vida social.

Roupas e performances na noite

Muitos eventos são capazes de fazer os frequentadores se prepararem semanas antes para a noite. A “montação” pode ser discutida entre amigas e conhecidas. A festa eletrônica Teknuu, coberta pela coluna, era um desses acontecimentos. Em sua última edição, feita em 2019, foi referida por um de nossos colunáveis como o “*Met Gala* Juizforano”, conforme consta em postagem da página, na Figura 1.

Figura 1. Postagem de Femmenino na festa Teknuu #1, 2019.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B4ydsIXhDIR/>

A Figura 1 apresenta a *drag* Femmenino, uma das produtoras da festa. Sua “montação” é feita de texturas sobrepostas, amarrações e gambiarras, correntes e brincos prateados. Com a peruca loira curta, a expressividade histórica e a gesticulação expansiva, traz no clique uma postura de irreverência e singularidade: uma figura marcante na noite, abusando de códigos *punk* e *grunge*. A legenda da foto se refere a ela como *dragbusiness queen*, destacando seus potenciais de monetização através da arte. Ainda há espaço para uma nota irônica que compara as torradas servidas no café da manhã (que não foi servido, apenas prometido) com as festeiras presentes, que “torravam” por outros motivos na pista. Ao final, seu *look* é elogiado e creditado, qualificando o conteúdo estético de sua indumentária.

Outra presença recorrente em tais ocasiões era a *dragqueen* Babylonik, que chegou muitas vezes a performar ou discotecar nos eventos. Era conhecida não só por servir bons *looks* e boas apresentações, mas também por ter personalidade forte e um histórico de destruição constante por onde passava. Fosse chamada de desastrada ou displicente, já quebrou pias, cadeiras, telhas, e danificou a audição de uma pessoa (através do lançamento de uma bomba), que inclusive quis processá-la pelo acontecido. Conforme Amaral (2010, p. 233), na vida noturna sempre existiram essas “figuras incontroláveis”, protagonistas de um tempo em que “o convívio era mais coloquial e propiciava muitas vezes certo tipo de comportamento”. Na Figura 2, além da pose e do carão, podemos ver mais uma de suas histórias reais: ateou fogo na peruca de uma *dragqueen* que a provocou.

Figura 2: Postagem de Babylonik na festa Teknuu #1, 2019.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B4ydsIXhDIR/>, 2019.

A legenda toma partido da colunável, se referindo a ela como “queridinha”, conta rapidamente o verídico caso para expressar a opinião e o que se sucedeu. José Henrique se manifesta em comentários confirmando seu potencial caótico e remetendo às suas origens geográficas ao dizer que ela é natural da cidade de Santos Dumont, a colocando em uma esfera de coletividade e importância junto a outras frequentadoras que também de lá vieram, falando do grupo como "alta sociedade" e acrescentando que não vieram "para deitar", em outras palavras, acentua sua presença implacável que não leva desaforos para casa.

É notável também como as relações afetivas podem ser travadas publicamente. Na Figura 3, duas amigas (Giovana e Cassandra, da esquerda para a direita) compareceram a um bloco carnavalesco com as roupas combinando: parte de cima e de baixo pretas e curtas, meia-calça vermelha, sapatos brilhantes pretos, maquiagem vermelha. Dessa maneira traçam similaridades estéticas e se identificam enquanto par. Ambas também posaram para a foto de uma maneira que ressaltou sua união, agachadas (um plano diferente dos demais ao fundo), abraçando as pernas uma da outra (o contato físico como demonstrativo de amizade). A legenda ainda trata sobre isso: conta que apesar de uma delas estar namorando, o afeto entre as duas é tão importante quanto o romance que a outra está tendo. Nos comentários podemos ver que os valores de cada uma são reiterados pelo texto: ao mesmo tempo que Cassandra não quis revelar o nome de seu *affair*, novamente expressa sua não completa satisfação em ter a vida publicizada, enquanto Giovana se diverte nos comentários, rindo e dizendo que “amou”.

Figura 3: Postagem de Giovana e Cassandra no Bloco da Benemerita, 2019.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BuPRHhrBeRW/>, 2017.

Considerações Finais

Com o passar dos anos a coluna foi ganhando mais reconhecimento. O que nasceu despretensiosamente começou a tomar ares de ofício. Diante de tal panorama, concebemos que esta coluna social foi fundamental para a movimentação do circuito urbano juiz-forano em diferentes nichos socioculturais. Lançando tendências e jogando holofotes para pessoas, lugares e sociabilidades, a Povera popularizou figuras da noite, intermediou contatos, documentou festas, explicitou a história de parte da vida social juizforana de 2017 a 2020. Além disso, os comentários são excelentes ativadores para se pensar os limites entre a vida pública e a privada. Apesar das fotos serem tiradas em lugares com outras pessoas, elas também são postadas na rede social, o que gera um outro nível de publicização da imagem pessoal. Com os dizeres de terceiros, vemos como na dialética da fofoca que as pessoas querem exercer seu papel opinativo, estabelecendo valores em seus comentários. Nesse estudo percebemos que a fofoca, dedicada ao entretenimento através do relato sobre passeios alheios, a princípio visto como um mundo de futilidades e 'coisas menores', na verdade é a chave para a prática e crítica do jornalismo social.

Referências

AMARAL, Ricardo. **Vaudeville - Memórias**. São Paulo: Leya, 2010.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografia dos desejos. Petrópolis: Vozes, 1996.

PALOMINO, Erika. **Babado forte**. São Paulo: Ed. Mandarin, 1999.

SILVA, Joana Brito De Lima. **Hierarquias simbólicas e marcadores distintivos**: um estudo exploratório da sociedade juiz-forana. UFJF, 2018.

SOARES, Jane. **Eu vou contar**. Belo Horizonte: Cultura, 1986.

WIESER, Hans Peter. **A produção discursiva da moral no gênero fofoca**: elementos para uma descrição micro e macrossocial da conversação cotidiana. UFC, 2009.

Revisado por: Ciel Selene da Costa Silva, graduada em Letras – Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Projeção, em Ceilândia – DF, em 2020. Revisora de textos acadêmicos profissionalmente desde 2021.

